

6 Resultados e discussão

A partir dos relatos obtidos nas entrevistas e da realização das análises, selecionamos aquilo de mais freqüente, comum e recorrente que surgiu nas diferentes falas. Esses conteúdos foram agrupados e formaram as chamadas “categorias”. Nas análises entre as participantes surgiram as seguintes categorias:

6.1. Vivências após a separação

O período posterior à separação pode ser vivenciado de diversas maneiras. Os membros da família relatam, em sua maioria, um sentimento de bem-estar ou alívio, logo após a separação. No entanto, existe na literatura a descrição da experiência de depressão e solidão nesses primeiros estágios. Mas de modo geral, reconhece-se a presença de elementos positivos e negativos nesta experiência (Féres-Carneiro, 1998, 2003 ; Kier, C.; Lewis, C. & Hay, D., 2000). Muitos relatos ressaltaram que o momento inicial transcorre com a melhora do estado anterior que era de conflito latente.

“Ah...os ganhos são maiores que as perdas, bem maiores. O ganho é a convivência assim estreita, nós duas sempre, juntas, a gente trocando idéia. É a gente dormindo junto, de vez em quando; acordando e fazendo passeios. Coisas de duas mulheres...” (Carla, 35 anos).

“Mas aí chegou uma hora que ele tomou a decisão de separar. No começo foi um alívio. Assim, nas duas primeiras semanas, primeiro mês, segundo mês, eu me senti aliviada. Foi a primeira sensação. Depois, eu comecei a entrar numa depressão horrorosa.” (Helena, 30 anos).

Uma posição de certa forma ambígua estava presente no relato da maior parte das entrevistadas. Como exemplo, temos o relato dessa mulher que afirma o bem-estar após a separação, mas também afirma que a separação foi bastante complicada e gerou sofrimento psíquico.

“Então, a separação foi muito boa pra nós três, na verdade, e pro A.(criança) principalmente. O A. ficou mais calmo, ele era agressivo, ele batia nos amiguinhos na pracinha, era uma criança difícil. E passou a ser uma criança muito tranqüila. Assim, bem visivelmente melhor. Assim, do médico, o pediatra, na consulta seguinte que ele teve, o pediatra falou assim: “O que aconteceu com esse menino? Tá ótimo, tá maravilhoso.” Eu disse: “Ah, eu me separei, deve ser isso.”. E ele: “Deve ser não, com certeza!” (risos).” (Ana, 37 anos).

“A separação em si foi desagradável, mas tirando isso... (risos), o resto, foi tudo bem. É muito difícil, muito difícil. Muito complicado. A gente se casou na Igreja, com papel, festa. Tudo, tudo.” (Ana, 37 anos).

No caso, as duas participantes anteriormente citadas não foram responsáveis por pedir a separação, cabendo ao marido essa iniciativa. No entanto, segundo Jablonski (1998), na grande maioria dos casos, a separação é solicitada pela mulher. Achados semelhantes foram encontrados em nossas entrevistas. A decisão por separar, partiu de cinco mulheres participantes em nosso estudo, independente das possíveis conseqüências que aquela escolha poderia lhes causar. Os motivos para essa tomada de decisão foram diferentes para cada uma delas. Para algumas mulheres, significou o início da possibilidade de atingir alguma autonomia, para outras foi deflagrada pela descoberta de uma traição. No entanto, em todos os casos, denotamos a iniciativa no sentido de buscar uma relação afetiva mais satisfatória.

“E também me impedia de viver minha vida. Então eu preferia... Não era uma pessoa equilibrada o suficiente para você poder colocar, não entendia direito. Então foi propício, o rompimento, para que eu começasse a viver minha vida, né?” (Bárbara, 44 anos).

Nas famílias mais tradicionais, no entanto, a separação e/ou divórcio ainda significa um momento difícil, onde os tabus e expectativas são quebrados.

“Porque pra nós dois, o final do casamento foi muito complicado por esta questão familiar. Na verdade, eu acho que, pra mim até mais do que pra ele. Tanto que eu nem teria tido coragem de tomar iniciativa, mesmo sabendo que a relação não tava boa. Porque nós dois tínhamos muito essa idéia do conceito de família tradicional, pai, mãe e filho, morando numa casa só. Nós viemos de famílias assim, então, pra gente a idéia de criar um filho separado era muito ruim ... a minha família ficou muito abalada com a separação. Família é mineira e tradicional, então todo mundo lá é casado.” (Ana, 37 anos).

6.2. Percepções sobre a paternidade

As idéias e percepções das participantes acerca dos pais representam um dos temas mais amplos e recorrentes que surgiu nos relatos provenientes das entrevistas. A paternidade é comentada quanto a diversos aspectos, portanto, esta categoria foi dividida em algumas sub-categorias.

6.2.1. A percepção das mães sobre a imaturidade dos pais.

Em sete entrevistas, quando se comentava questões referentes à paternidade, as mães revelavam a crença de que os pais de seu(s)/sua(s) filho(a)(s) apresentavam atitudes imaturas ou infantis, não sendo capazes de arcar com a responsabilidades inerentes à paternidade, ou ainda à vida em família.

“Então, eu acho que ele não tava preparado pra ser pai. Eu também não tava preparada pra ser mãe, mulher e dona de casa e profissional. Então, junta um monte de coisa. Eu não tava preparada, nem ele.” (Carla, 35 anos).

“Ele não tinha condições de assumir a família. Nem, financeiras, psicológicas... Tanto que até hoje, não casou com ninguém, não teve mais filhos, mora com a mãe dele.” (Gabriela, 42 anos).

A partir desses relatos, surgiram reflexões que originaram dois grandes questionamentos: Será que havia, em todos esses casos, uma real imaturidade para o desempenho das funções e papéis parentais, ou na verdade existia uma idealização equivocada da parentalidade? Ou ainda, se esses homens apresentavam, em geral, características mais infantis ou dependentes, porque essas

mulheres, em sua maioria autônomas e independentes, os selecionaram como parceiros?

“E eu acho que pra ele a paternidade foi complicadíssima, no início. Ele se acostuma muito mal às restrições. Ele tem três irmãos mais novos. Então, ele é muito ligado em criança, tem muita experiência em cuidar de criança, é super à vontade com bebê, fraldinha... Só que eu acho que ele esperava que fosse ser exatamente como era com os irmãos. Que uma coisa é ajudar, mas sem responsabilidade... Aí, ele sacou que a interferência na vida dele era muito mais séria... em todos os níveis, né?” (Ana, 37 anos).

“...ele nunca conviveu com criança e ele não sabe cuidar de criança. Aí as coisas que aconteceram da criança chegar toda molhada de xixi, porque ele não tem a percepção de pegar e levar e botar... a percepção de dar comida na hora certa, de ver que a criança tem horário pra ficar no sol. Levava a criança o dia inteiro pra praia. ... Ele é uma pessoa egoísta, foi filho único, muito egocêntrico, faz o que ele quer, da maneira que ele acha que quer, não ouve ninguém... Não aceita intervenção de outras pessoas, ou conselho. Então, não tem condição de deixar uma criança sozinha nas mãos de uma pessoa assim.” (Esther, 34 anos).

A postura dessas mulheres pode ser hipoteticamente compreendida se pensarmos as atitudes autônomas que elas apresentam nos diversos setores de suas vidas. Guardando-se os devidos cuidados com possíveis generalizações, muitas hipóteses podem ser levantadas. A autonomia e postura independente dessas mulheres podem gerar julgamentos excessivamente críticos e exigentes para com os genitores de seus filhos. Ou ainda, esta mesma atitude diante do casamento e do relacionamento, podem ter tolhido a possibilidade desses pais terem uma atuação mais evidente ou presente com relação aos filhos.

6.2.2. Desempenho do papel paterno após a separação

Neste item, agrupamos os relatos referentes à atuação dos pais após a separação, como são organizadas as visitas e como ficou o relacionamento da criança com o pai. Embora, de acordo com a literatura, a tendência mais frequente após a separação ou divórcio, seja o afastamento paterno dos(s) filho(s) tanto físico quanto emocional (Wagner & Grzybowski, 2003), este resultado não foi encontrado neste estudo.

Sob o ponto de vista materno, dois pais fortaleceram o vínculo após se afastarem do convívio diário com o(a) filho(a), e passaram a assumir de forma mais comprometida e satisfatória as suas funções paternas. No entanto, de forma geral, as tarefas tendem a não ser divididas de forma igualitária. A maior parte das vezes, constatamos que as obrigações que exigem maior responsabilidade ficam a cargo das mães, corroborando os achados e as considerações de Brandt (2001) e Carter & McGoldrick (2001).

“Os dois anos depois que o A. (criança) nasceu, de vida em comum, foram horrorosos... ele (pai) sempre relutando muito em assumir as obrigações e tal, com o A.. E aí, depois que a gente se separou, ele assumiu naturalmente. Então, ele passou a ter um tremendo senso de responsabilidade com o A.. Ele cuida bem do A.. Ele assume as obrigações, leva tudo a sério. Ele lê a agenda, o dever, assina a agenda, a provinha, providencia as coisas.” (Ana, 37 anos).

“O meu ex-marido nunca dividiu, na verdade, nada comigo. Ele passou até a dividir mais depois de separado do que enquanto casado. Eu acho que hoje ele exerce muito melhor o papel de pai do que antigamente. Mas, mesmo assim, ainda deixa muito a desejar. Na hora que tem que tomar atitude, que tem que pegar no colégio, levar num médico, sempre sou eu. Exceto quando eu falo: “Realmente, olha, não posso, leva no dentista, leva...” Então ele está começando a fazer essa função. Mas é assim, com muito sacrifício, e com muito “por favor”, pra que ele cumpra essa obrigação.” (Dora, 37 anos).

Quatro entrevistadas relataram certa dificuldade no que diz respeito à negociação com os ex-cônjuges dos horários e frequência de visitas das crianças. Essas mães, em geral, reclamam da pouca participação, de instabilidade ou de imprevisibilidade das atitudes paternas.

“Tem contato com o pai, mas não muito assíduo. Teve uma época que ele até pegava final de semana sim, outro não. Mas foi porque eu insisti muito. Porque antes, quando era bebezinho, ele ia lá em casa uma vez por semana. Outra vez falhava, ficava três semanas sem aparecer. Ai depois começou a pegar pra passear, quando o G. (criança) já tinha um aninho mais ou menos, pegava no domingo, ficava só o dia. Mas também é quando sobra um tempo, ele pega. Eu falei: “Não, agora você começa a dormir com seu filho. Então, vamos fazer igual

a qualquer casal separado normal faz. Um final de semana é seu, outro é meu..”
(Helena, 30 anos).

Três mães relatam que o pai passa a participar com mais frequência da rotina da criança quando esta atinge uma idade mais avançada. Esta prática pode estar relacionada a questões culturais. Pois, tradicionalmente as mulheres se encarregam com maior frequência de assumir o papel de cuidadoras, sobretudo dos bebês e das crianças pequenas, enquanto os pais se sentem desqualificados ou são assim considerados para tomar conta de bebês. Ou ainda, porque os pais, em geral, apresentam maior facilidade para se relacionarem com crianças mais velhas como acentua Peck e Manocherian (2001).

“Ele passou a participar mais, a curtir mais, depois que ela cresceu. A interagir mais, acho que depois de um ano e pouquinho, ela andando. Porque, aí, já começa a falar, né? Mas, a fase de bebê mesmo, muito pouco, ele não participou, né?” Agora participa mais. Quando ela já tá maiorzinha, acho que até pela facilidade, participa bastante. Todo o final de semana ele tem contato com ela. Ou ele fica sábado ou domingo. Aí, ele pega de manhã e entrega à noite.” (Esther, 34 anos).

“Ah, isso a partir dos dois anos. Aí, começou a pegar e a dormir, e aí ficou um tempo legal assim, a gente nesse convívio bom. Mas, só que agora voltou a querer ficar só um dia, não querer dormir mais.” (Helena, 30 anos).

“Ela (criança) começou a ir pra casa dele com 6 meses. Mas, aí ela ia passar o dia. Quando ela fez 1 ano, eu estendi isso de sábado pra domingo. E, depois de um tempinho, eu comecei a falar: Não, pode pegar na sexta, não tem problema.” (Inês, 30 anos).

Duas participantes relataram que o pai participava mais do cotidiano, do dia a dia da criança, antes da separação, do que a mãe. Neste caso, um dos pais possuía um vínculo muito forte com o filho, que foi alterado após a separação porque o pai foi morar em outra cidade do nordeste do país.

“O pai dele mora em Maceió. Foi pra lá, se juntou com a mulher e está lá. Então, pra ele foi fácil, largar tudo, a família dele inteira, os pais, os irmãos, o filho! Largou tudo pra trás e foi pra lá, sem drama na consciência nenhuma. Enquanto éramos casados, ele tinha muito mais tempo pro P. (criança) do que eu.

Porque eu sempre tive essa coisa de trabalhar de segunda a sexta, com horário de entrada e horário de saída. E o C. (pai) como professor, tinha uma flexibilidade maior. Porque só dava aula à noite, ou de manhã, então na parte da tarde tava em casa. Então, esse vínculo pai e filho foi criado. Eles tem um elo muito forte. De P. (criança) falar às vezes até nos fins de semana que ele estivesse comigo, assim: “Ah, eu queria tá com meu pai.” Porque o pai do P. criou esse elo com ele. Enquanto P. era bebê, ele deixou de mamar muito cedo no peito, foi muito cedo pra mamadeira. Então ele fazia questão de acordar à noite, dar mamadeira pro P.. Então tem esse elo forte entre os dois. Entre eu e P. também, mas eu não posso nem falar disso dele, que ele sempre foi muito presente nisso, né?” (Flor, 33 anos).

“No começo foi muito difícil pra ela, porque ela tinha ligação forte com o pai, ele era muito presente. Assim, presente porque tava todo o dia em casa, né? Então, ela sentiu a ausência dele, nesse sentido. Mas ele nunca foi um cara assim, de ficar brincando com criança, sentado no chão, entendeu? Fazendo aquelas coisas que criança gosta. Mas, ela sentiu essa falta...” (Carla, 35 anos).

Por outro lado, a literatura (Wagner & Grzybowski, 2003) mostra que muitos pais se afastam de seu(s)(suas) filho(s)(as) após a separação ou divórcio, podendo, inclusive, se tornar completamente ausentes. Na nossa investigação, dois pais mostravam-se completamente ausentes, sem manter nenhum contato há anos com seus filhos. O motivo para tal ausência paterna, no nosso estudo, mostrou-se variável, estando relacionado com questões financeiras (quando os pais não querem ou não podem assumir o pagamento de pensões) ou fatores emocionais (frequentemente provocados por relacionamento conflituoso com as ex-companheiras).

“Porque ele (pai) não te procura, porque ele não aparece.” Então, o que eu vou responder? E isso é difícil pra mim, né? Porque aí você passa a sentir raiva. Dá raiva da pessoa. Então, é difícil separar as coisas. Mas eu nunca falei mal dele, eu não ataco ele. “Teve uma vez que eu levei ela (criança) ao encontro dele, e na última hora, ele marcou, depois desmarcava. “Não vou.” E a menina ficava nessa expectativa. E aí não vai, depois liga dizendo que vai. É essa enrolação toda. Isso gera um desconforto tremendo, né? Eu não queria que ela passasse por isso. ... Uma vez telefonou, a B. (criança), acho que devia ter uns 5 anos, atendeu.

E minha mãe ouvindo na extensão os papos, né? Porque ele falando coisas pra menina que não tinham nada a ver. Aí ele falou. “Sua mãe não tem culpa de nada... o culpado de tudo sou eu...” Aí vem com aquela história de “eu te amo”. Então o que deve passar na cabeça da menina. Como pode dizer “eu te amo”? Que amor é esse que a pessoa não aparece?” (Bárbara, 44 anos).

“Olha, é mais opção dele, não é minha. É do pai. Ele ainda chegou a ver o H. (criança) com até uns dois anos eu acho... três. Mas depois ele parou de ver. No momento ele não vê. Só liga, manda presente, mas não vê. Mas ele liga pro filho todos os dias. Liga, fala por telefone, manda presente no Natal, Dia da Criança, no Aniversário, né? Mas não vê.” (Gabriela, 42 anos).

6.2.3. Confusão entre os papéis parental e conjugal

Em alguns trechos das entrevistas, surgem questões que envolvem o relacionamento do casal e afetam os papéis parentais. Em geral, as mães relatam a existência da confusão entre esses relacionamentos de diversas maneiras. Por exemplo, os pais podem não conviver ou se afastarem dos filhos, não realizando as visitas ou o pagamento da pensão, devido à dificuldade no relacionamento com a ex-esposa.

“Ele não conseguiu conviver com a função dele, né, assumir. Ele confunde as duas coisas, a relação comigo e com a filha... então, ele se afastou. Então, às vezes que ele se aproxima são esporádicas, por telefone, em condições inapropriadas. Então, desde os quatro anos ela não tem nenhum contato com ele. Já tem uns quatro anos...” (Bárbara, 44 anos).

Os pais, em geral, podem estar mais ou menos próximos dos filhos, de acordo com a qualidade de seus relacionamentos com as ex-companheiras. Três mães relataram que seus ex-maridos se envolveram mais com os filhos num pretexto para uma reaproximação afetiva com elas. Pois, quando a tentativa fracassou, esses se afastaram das crianças.

“Então, ele ainda tem uma resistência. Porque, na verdade, é esta questão comigo, ele tem ainda uma questão emocional comigo. Enquanto ele tinha esperança que eu voltasse, ele fazia mais coisas. Agora, que ele realmente viu que não tem a possibilidade de voltar, ele tenta me atingir, deixando os meninos de

lado, não pegando os meninos, ou trocando o final de semana. É complicado.” (Dora, 37 anos).

O mesmo pode ocorrer com as mães em relação aos pais. Ou seja, o “mal marido” é confundido ou considerado como “mal pai”. As mães confundem seus problemas afetivos e pessoais com o pai de seu(sua)(s) filho(a)(s), interferindo no direito ao contato e relacionamento entre eles.

“Mas, no começo não era fácil. Nossa, eu queria me matar! “Você não presta, então, não vai pegar a minha filha!” Mas aquelas coisas... grita, xinga, fala palavrão. Fiz tudo, tudo da mulher traída, separada e sofrida. Porque, quando você se separa, você tem a vontade de dizer, “ah, não me quer, então, não quer a filha também. Não vai ter direito.” Mas aí, eu sempre tentei... sublimar isso. Não, ele tem direito. E, principalmente, ela tem direito. Eu não posso tirar o direito dela. E como eu já tava fazendo terapia antes de me separar, isso me deu força. Eu procurei, assim, ser justa com ela. Ter respeito ao sentimento dela, como filha...” (Carla, 35 anos).

Assim, como é frisado por Peck e Manocherian (2001), algumas questões afetivas mal resolvidas do casal podem afetar o relacionamento desses com os próprios filhos. Os pais podem não realizar as visitas com frequências desejáveis ou estáveis, ou as mães podem gerar dificuldades para que estas transcorram naturalmente. Observamos que a relação conjugal afeta, de alguma forma, a relação parental.

6.2.4. Idealização da figura paterna

Dentre todas as mulheres entrevistadas, sete relatam um ideal de pai. Elas valorizam muito, em suas declarações, a presença masculina e paterna na vida do(a) seu (sua) filho(a).

“Eu sempre tentei estimular muito este relacionamento (do filho com o pai). Porque eu acho super importante ter uma figura de pai definida.” (Ana, 37 anos).

“... eu acho que figura paterna, ela desloca às vezes pro professor. Ano passado, ela tinha um professor de ciências que às vezes ela chamava até de pai. Agora tem um frei, sabe? Ela consegue até deslocar.” (Bárbara, 44 anos).

“Agora, as perdas... Ah, tem a figura paterna, né?... fica vazia. Tem meu pai, meu irmão, tios, tem a família de homens, mas, assim, o pai né? Ter o pai dentro de casa... acho que perde um pouco. Ter um pai também ausente, não é só pra dizer que tem, sabe, “eu não sou feliz, mas tenho marido”? Eu não quero.” (Carla, 35 anos).

Algumas mães (três) idealizam a figura do pai associada à figura de marido. Portanto, segundo essas mulheres, o “bom pai”, antes de tudo tem que ser um “bom marido”. Essa visão é justificada pelo fato do pai dever ser, na opinião dessas mulheres, exemplo de cônjuge para os filhos.

“Olha, eu acho que um pai tem que ser carinhoso, ensinar com amor, conversar muito. Tem que descer ao nível da criança. Não ser imperativo o tempo todo, grosseiro. Enfim, é saber tratar uma mulher, dar um exemplo de tratamento. É isso que eu espero de um homem. E o pai deles não tinha essa atitude.” (Dora, 37 anos).

Verificamos também relatos da experiência das mulheres com suas famílias de origem, principalmente durante a infância, com relação ao convívio e o relacionamento com seus próprios pais. Algumas delas também foram criadas em famílias monoparentais e projetam suas experiências para o(a) filho(a).

“Porque é difícil também pra mim, não vou te negar que é difícil pra mim conversar sobre isso com ela. Até porque eu tive um pai muito presente. Meu pai foi muito pai. Foi pai até demais. (risos) ... Ele podia não ser um bom marido, mas ele era muito bom pai. Ele nunca deixou faltar nada. E, pra mim, é difícil ver a minha filha sem essa figura paterna presente, como eu tive.” (Bárbara, 44 anos).

“Ah, eles separaram quando eu tinha 6 meses. Então também sempre foi muito natural. Porque eu cresci com eles separados. Entendeu? Não tinha muito essa paranóia de “mamãe vai voltar pro papai”. Tive contato com meu pai na infância. Mas o contato com meu pai era uma coisa muito assim... uma vez a cada dois meses... Ele não mora mais no Rio, há muito tempo. Então, é muito pouco, só vou na casa dele uma vez por ano...” (Inês, 30 anos).

Surgiram ainda em quatro entrevistas, concepções depreciativas sobre a figura paterna.

“Eu não sei de outros pais que se separam. Mas, os relatos que eu escuto das minhas amigas são todos iguais. A prioridade passa a ser a outra mulher. Passa a ser a vida profissional, a vida afetiva deles, e o filho nunca é a prioridade. Eles até sentem falta, vontade... mas não têm o grau de interesse que a gente tem.” (Carla, 35 anos).

“Porque a gente sabe que, infelizmente, é a minoria dos pais que dão uma assistência total, aqueles que participam. Eu vejo pelos amigos, e digo, “olha eu vou puxar a orelha de vocês se vocês não participarem da vida dos filhos de vocês.” (Helena, 30 anos).

Uma das mães, inclusive, além de expressar seu ideal paterno, apresenta um sentimento de culpa pelo pai que “escolheu” para a filha.

“Eu já tive mais, assim, como se fosse uma culpa. Como se eu fosse também responsável por ter escolhido esse pai pra ela, né? Mas aí, depois a gente vê que não está na testa escrito. Eu não escolhi, propositadamente, esse pai pra ela.” (Bárbara, 44 anos).

6.3. Crise conjugal com a chegada do primeiro filho

Durante as entrevistas, seis participantes revelaram explicitamente que seus companheiros não possuíam, no momento da revelação da gravidez, ou da chegada propriamente dita do primeiro filho, preparo suficiente para assumir o papel e as funções paternas. Algumas vezes, a própria mãe confessava que também não se sentia madura ou “pronta” para ser mãe. Essas afirmações corroboram com as teorias de estudos acerca do desenvolvimento familiar, que tendem a considerar o evento do nascimento de um bebê como marco crítico dentro do ciclo de vida familiar. O casal afasta seu olhar da relação horizontal do casamento, passando a se dedicar e focalizar o relacionamento vertical com as gerações anteriores e futuras. Nem sempre a reestruturação da mudança do estado de casal para família se faz de forma tranqüila, equilibrada ou amadurecida (Brandt, 2001; Carter & McGoldrick, 2001).

“Primeiro, a crise do nosso casamento coincidiu com a minha gravidez. Então, foi muito relacionada à maternidade. Que é um negócio até normal, costuma acontecer, né? (risos) Então, a gente vinha muito bem, ótimos, felizes, e

tal, e eu fiquei grávida. Aí deu um nó! Mas aconteceram muitas coisas. Teve mudança de apartamento, a gente teve que passar um tempo na casa dos meus pais, e eu fiquei grávida, e enfim... Mudou tudo, ele ficou péssimo... E o A. (criança) nasceu...” (Ana, 37 anos).

“... mas eu tava querendo engravidar. ... Não foi acaso. Nós queríamos. E o que ele queria, era justamente uma forma de me ter, entendeu, de me possuir, na cabeça doida dele. Tanto é que depois, ele ainda queria ter mais um. Mas pra aprisionar mesmo, na cabeça dele. Eu queria muito ser mãe. Então, a gente fez na intenção de ter um filho. Ai eu engravidei, seis meses depois, durante a gravidez, é que isso já tava confuso, tava mal. Tava mal, já tinha recaído, tava confuso... e a gravidez todinha foi muito ruim. E foi por aí, um ano e pouco, porque nove meses da gravidez, mas os oito meses da B. (criança), foram assim, muito confuso. Foi um inferno mesmo. Então, não tinha como. Ou eu tinha que ficar com ela, cuidava dela, ou cuidava dele. E eu ia pras cucuias, né? (risos)” (Bárbara, 44 anos).

“Eu morava com o pai dele. Aí... durante a gravidez, eu tava com 5 pra 6 meses, aí a gente se separou. Foi muito complicado. Eu não sei porque tudo aconteceu muito rápido, se foram os hormônios. Eu fiquei muito estressada. Eu enjoiei demais. Eu passei três dias vomitando. Aí a médica falou: “Se você não conseguir tomar nem uma água de coco, eu vou ter que te internar.” Porque eu não conseguia parar de vomitar, tive anemia, tudo isso. E com esse enjoô, com tudo, eu criei uma aversão a ele completa. Ele não podia nem encostar. Então, eu, assim, até entendo, que pra ele foi difícil, né?” (Helena, 30 anos).

Uma das mães entrevistadas relata a vivência de dois casamentos com experiências semelhantes. Essa participante passou por duas separações nas quais estava com filhos pequenos. Na época da primeira separação seu primeiro filho tinha 1 ano de idade e, na segunda, seu segundo filho estava com dois meses. Segundo a entrevistada, as duas uniões transcorriam tranqüilamente até o momento da chegada do bebê, quando crises bastante sérias deflagraram conflitos que culminaram em divórcio.

“A gente ficou casado durante uns seis anos. Mas logo que o H. (criança) nasceu, a gente se separou. Estava com mais ou menos dois meses, quando a gente se separou. Foi realmente uma separação complicada... Porque o M. (filho

mais velho de 16 anos, fruto de um primeiro casamento) acabou que, coincidentemente, eu também me separei do pai do M.. A gente também ficou junto 10 anos e eu me separei dele o M. tinha um ano. Era também pequeno. Eu conheci o pai do H. quando o M. tinha cinco anos. Então, eu praticamente criei os dois sozinho né? Dos cinco aos dez de M. tive um casamento, mas de um a cinco não.” (Gabriela, 42 anos).

6.4. Mulheres independentes e autônomas

Algumas (sete), mas nem todas as mães entrevistadas, revelaram possuir uma postura bastante autônoma e independente diante de diversas situações. Esta característica foi observada nas atitudes dessas mulheres diante de suas relações com os filhos, com a sua própria família, com o ex-cônjuge, nas suas relações afetivo-sexuais e com o trabalho.

“... pra mim é mais tranquilo do que estar com uma pessoa problemática do meu lado atrapalhando. Já que não pode ajudar, então, não atrapalha, né? Então, com ele era pior ainda, porque me atrapalhava muito, me tumultuava a vida. E acho que até a dela também. Eu preferi optar pelo rompimento.” (Bárbara, 44 anos).

“No final das contas, eu acabava decidindo tudo, porque eu, a mulher toma a frente e decide mesmo, e o homem fica de coadjuvante, entendeu, às vezes até atrapalha.” (Carla, 35 anos).

“Foi minando e chegou a um ponto em que eu já estava fazendo doença, estava ficando mal, ficando sempre, sabe, pra baixo... E eu não sou uma pessoa assim. Eu falei: “Não. Então, é melhor eu viver minha vida.” É difícil. É muito difícil. Mas, eu estou indo. (risos).” (Dora, 37 anos).

“Ah, a experiência é difícil, porque a gente tem que dar conta de tudo, né? De trabalhar, de administrar a casa, no caso, administrar a babá, administrar a própria vida da criança, administrar a nossa vida, pagar as contas, supermercado... Então, isso tudo fica centralizado numa pessoa só, que sou eu. Então, é difícil, é bastante complicado. (risos). Eu penso que essa coisa de ser centralizado tudo em mim é uma perda. Mas, na realidade, especificamente no meu caso, eu acho que mesmo estando com ele, acabaria também ficando tudo ao

meu cargo mesmo. Eu sempre me organizei um pouco assim. Sempre fui muito independente. E isso é uma característica que eu tenho desde pequena. Então, acho que é meu perfil também, minha característica. (Esther, 34 anos).

6.5. Poder materno (mãe centralizadora e controladora)

Todas as mães entrevistadas possuíam a guarda das crianças. No entanto, percebe-se, em alguns relatos, que além dos cuidados e responsabilidades inerentes à maternidade, essas mães demonstram acreditar que todas as decisões relativas à vida da criança estão centradas em suas mãos. Por vezes, elas não permitem que a opinião ou os anseios paternos sejam levados em consideração, demonstrando a necessidade de controlar em todas as questões relativas aos filhos.

“A. (6 anos) dorme na casa dele (pai), duas vezes por semana. A gente não quis ainda um final de semana inteiro. Porque a gente achou que o A. era muito pequeno e ele morria de saudade. ... Aí, eu também coordeno tudo, a babá está lá em casa... Não tem problema nenhum. Eu deixo ele (o pai) também livre pra almoçar lá em casa o dia que ele quiser. ... Eu tento diminuir ao máximo as obrigações dele (do pai), e deixar tudo lá pra casa. Porque eu acho que lá em casa, a rotina é mais correta. Ele tem tudo mais organizado, porque é a casa dele. Mas ele tenta fazer da casa dele, a coisa mais confortável e legal, pro filho também se sentir em casa.” (Ana, 37 anos).

“A referência que ela tem, a única referência que ela tem sou eu. Então, ela fica sem opção também, fica muito voltada, centralizada só em mim né? Quer dizer, eu sou alvo de toda (risos), quer dizer, dos ódios e dos amores dela também. Eu sou a referência de tudo. A questão de dar bronca, de dar carinho, de dar limite, de dar sustento, de dar tudo sou eu. Então, é muito intenso. Pra ela eu sou a referência centralizadora dentro da vida dela.” (Bárbara, 44 anos).

“Justamente pra eu poder participar dessa criação dela, porque eu acho que mãe, nesse início, é uma coisa muito importante. Ela precisa muito, ela solicita muito. E eu sou... o que ela tem. Entendeu? Apesar da gente morar com minha mãe, a minha mãe sai muito, vai trabalhar, volta muito tarde. Então, quem está ali sempre, sou eu mesmo. A roupa dela sou eu que lavo, a comida sou eu que faço. Então, eu sou muito presente. Eu me organizei pra estar dessa forma. Pelo menos, enquanto eu posso, né?” (Inês, 30 anos).

A função materna de cuidar, defendendo, prevendo e decidindo aspectos da vida do(a) filho(a), freqüentemente, pode ser utilizada como justificativa para atitudes centralizadoras e controladoras.

“Eu acho que isso (separação) também ia atingir a B. (criança). Então, eu quis preservá-la disso. E foi bom, porque ela é uma criança feliz e alegre. Ela deve ter essa falta, essa ausência. Mas acho que, por outro lado, ela tem uma vida social que ela não teria, porque ele (pai) é muito centralizador. Sabe? Muito possessivo, muito paranóico. Então, isso acabava restringindo muito nossa vida social. E ia restringir a vida dela também. ... A gente tem essa, eu acho que é mãe, né, a gente tem essa coisa de proteger, mas não dá pra proteger de tudo. Eu acho até que não é bom, né? Hoje em dia, eu vejo que não é bom. ... Mas eu não vou deixar a minha filha na mão de uma pessoa que eu não sei se amanhã vai encher a cara, vai pegar minha filha e botar num carro, e sabe, levar pra onde. E ele (pai) não tem esse discernimento. Eu convivi, eu sei que não tem. Então, eu ... tenho muito medo...” (Bárbara, 44 anos).

“Eu tenho essa noção. E eu prezo muito a qualidade de vida dentro de casa. De ter um ambiente harmonioso, saudável. Porque isso tudo reflete diretamente na criança. Na base da formação da criança. Então, eu até achei bom que as coisas aconteceram da forma que aconteceram, porque ela já cresce achando que é uma relação normal. Não senti tanto esse rompimento. Achei que foi tranquilo. (risos). Mas não é fácil. Por conta de estar tudo centralizado em cima de mim.” (Esther, 34 anos).

“Ah, não. É tudo por minha conta. Eu que decido tudo (risos), eu que resolvo tudo. Até da parte financeira também, é sempre tudo comigo.” (Gabriela, 42 anos).

“Hoje, atualmente, eu virei e falei assim: “Não. Então, ou faz, ou não faz.” E, aí, eu dei uma cortada. Tivemos uma discussão. E aí ele promete que vai não vai. G. (criança) pergunta: “Porque que meu pai não vai?” Aí eu falei assim: “Não. Enquanto você não fizer direito, você não pega mais. Quando você realmente quiser ficar com seu filho, você vai fazer direito.” Pra ver se de alguma forma eu consigo obrigar a mudar a situação. Porque, de repente, posso até não estar certa... Mas alguma tentativa tem que fazer. E aí ele começou, de vez em quando ele vai lá na escola e visita o filho na escola.” (Helena, 30 anos).

“... eu acho que seria mais isso, de você ter alguém pra dividir as coisas. Mas por outro lado, eu também já to achando ótimo não ter que discutir nada com ninguém. Tipo: “Ah, é, que colégio vai?” “Ah... esse aqui, porque desse eu gostei, pronto e acabou.” Entendeu? “Ah, vai fazer isso, porque eu to dizendo isso...” Entendeu? Por outro lado eu também não tenho essa discussão. Do “eu gostei” ou “eu não gostei”. Não, eu gostei e está acabado.” (Inês, 30 anos).

Muitos relatos demonstraram que as mães encontram força na maternidade para enfrentar a crise no casamento e o período pós-separação.

“O meu relacionamento com ela sempre foi muito bom. Porque mesmo na confusão, no conflito, é o cuidar dela, o conviver com ela que minimizava a situação que eu estava vivendo. Pra mim, sempre foi muito prazeroso ser mãe e cuidar dela. Era quase que um oásis pra mim. Era o que compensava, estar com ela. Tê-la pra mim foi importante, porque eu recuperava minhas forças através da convivência com ela. B. (criança) sempre foi uma criança muito fácil de lidar. Mesmo com todos os problemas, eu consegui cuidar dela. Era quase que revigorante pra mim cuidar dela. Era uma troca. Nós duas nos reabastecíamos uma com a outra.” (Bárbara, 44 anos).

“Porque você está com o bebezinho, ainda mais filho pequeno, você mãe, é leoa, né? (risos) Estar ali com o filhinho pequeno, fala: “Não, tem que dar certo...! Faz tudo pra dar certo...” Eu acho que se separar com filho pequeno, por um lado, te dá até força. Porque você está ali com seu filho e na hora você pensa: “Agora eu quero saber do meu filho! O resto ficou para trás.” Agora eu vou pensar é nele, eu vou cuidar é dele. E pronto. Eu acho que até te dá força pra superar muita coisa. Você ali com aquele bebezinho, filho pequeno, aquela coisa toda, você tem que arranjar forças...” (Gabriela, 42 anos).

“Tem uma frase que eu uso muito, eu falo que: “Eu nasci de novo com meu filho.” Eu olhava pra ele bebezinho e falava: “Como é que pode, eu tô carregando minha própria vida no colo.” Cansada, mas me da uma força né? E você tem um porquê maior absoluto pra mais aquele dia. Então, quando chega em casa, estressada, cansada, eles ajudam a gente. Tá ali, pô, acabou o stress, brincando com ele. Pode estar morta, cansada, mas vem uma energia que você nem sabia que tinha. Então você ali brincando com ele, está feliz. Às vezes está triste, chateada, estressada, mas, os problemas acabam, ali você fica feliz. Eu

fiquei muito deprimida na gravidez. E depois que ele nasceu, aí eu tava bem, me deu um ânimo. Às vezes eu caía num momentinho, mas eu tinha força pra me segurar. Eu sentia que eu ficava bamba, mas eu olhava pra ele, me ocupava com ele, e vinha aquela força...” (Helena, 30 anos).

6.6. Estreitamento relação mãe-filho(a)

A relação da mãe com o filho(a), geralmente, torna-se mais estreita na família monoparental. Segundo os estudos de Wagner e Grzybowski (2003) ocorre uma acentuação no vínculo entre mãe e filho(s) e uma tendência ao afastamento entre o pai e o(s) filho(s). Essa relação mais estreita, inclusive, é considerada, pelas mães, fonte de satisfação e realização pessoal. As participantes de nossa investigação manifestaram a mesma propensão.

“A rotina de chegar em casa, ler, fazer um dever de casa, brincar, jantar, ler um livrinho antes de dormir, isso somos só nós dois.” (Ana, 37 anos).

“Então a minha relação com ela é muito estreita... porque eu fico sempre com ela, estou sempre todos os dias. Eu levo pra escola, tiro piolho e cuido do machucado. Até as coisas todas do colégio. Eu frequento as reuniões de escola, que ele (pai) não vai, entendeu? Eu estou sempre presente com ela, e ela sente a minha falta, mais do que a dele. Ela vai pra casa dele, fica com ele lá, mas fala: “Ah, quero voltar.” E volta. Tem dia que ele chega pra buscar, aí ela diz que não quer ir. Então, ela tem muito mais afinidade, acredito, comigo, do que com ele. Claro que ela gosta... porque é pai. E ele, assim, faz as coisas... mas é assim, na medida dele.” (Carla, 35 anos).

“Em casa é assim, eu não vou ao banheiro sozinha, eu não durmo sozinha, faço nada sozinha. Então a gente acorda de manhã juntinha, toma café, sabe? As duas vão tomando café. E depois ela vai, toma banho, a gente às vezes toma banho juntas, toma um banho...” (Inês, 30 anos).

O relacionamento íntimo e estreito entre mãe/filho(a) na família monoparental é citado por diversos autores na literatura. Em geral, a função materna, os momentos com os filhos são descritos como experiência de prazer e fonte de satisfação e realização pessoal para muitas mães. Muitas podem ser as hipóteses para dar conta desse dado. Este relacionamento pode se tornar mais

próximo porque a mãe tenta de alguma forma, compensar a ausência paterna, ou mesmo, porque ela busca na relação parental suprir algumas carências afetivas por ela vivenciada.

6.7. Família monoparental: sentimento de (in)completude

Nos diversos relatos das mulheres, encontra-se presente a questão da falta, da ausência, da “incompletude” das famílias monoparentais. Como se algo faltasse para que aquela entidade pudesse se denominar “família”. Para algumas mulheres, o conceito de família encontra-se basicamente atrelado à imagem de pai e mãe juntos.

“Eu sempre me vi sozinha com ela na realidade. Desde que ela nasceu. Então, não teve essa mudança, né? Então, talvez tenha sido, (entre aspas), mais fácil pra mim... Não teve esse processo de perder né? De habitar e depois não co-habitar... Sempre foi uma família monoparental...” (Bárbara, 44 anos).

“Então, se eu olhar pra trás, foi muito melhor eu criar os dois sozinhos. Com certeza. Agora, se você encontra a pessoa certa, se o casamento dá certo. É muito melhor pros filhos estar o casal. E, sem dúvida, pra mulher também. Ter um marido que participa, que ajuda financeiramente, nas decisões, ajuda cuidando também dos filhos, da casa, fica bem melhor... (risos). Não tenho dúvida.” (Gabriela, 42 anos).

Em contraste, quando essas mulheres relatam observações feitas pelos seus filhos e filhas, surge outra percepção, que não reduz a família monoparental à situação daquela que apresenta uma falta.

“Ele (filho, 6 anos) não tem memória anterior. Um dia ele perguntou pra mim assim: “Mãe, é verdade que papai morou aqui?” (risos). Ele não lembra.” (Ana, 37 anos).

“Ela encara isso normalmente. Ela tem duas casas. Ela se espanta quando alguém fala que mora com o pai e com a mãe, que pra ela essa realidade é diferente. Ela está acostumada. Não cria muito problema não...” (Carla, 35 anos).

“Eu acho que ela nem percebeu, porque, na realidade, ela nunca teve o pai morando dentro de casa, entendeu? Porque ela nunca teve isso, né? Então,

quando a pessoa nunca experimenta uma coisa ela não sabe nem julgar, se é ruim, se é bom. Pra ela, é uma situação normal...” (Esther, 34 anos).

Em geral, os filhos preservam os sistemas, separando a convivência com pai e com a mãe, e a privacidade do relacionamento com cada um dos pais.

“Não. Ela não conta. Tudo o que se passa na casa do pai, está na casa do pai, morre na casa do pai. Ela não conta. Eu acho que ela me preserva disso, sei lá? Ela não conta. Ela é muito fechada. Não fala não. Ou ela já viveu aquele momento lá, ou ela acha que não vale a pena eu saber. Eu pergunto e ela responde assim: “Ah, se divertiu? Foi no cinema?”, “Fui... e voltei”, mas não dá detalhes do que aconteceu. Ou então, “Eu não sei mãe, não lembro.” Entendeu? Não quer falar. “ (Carla, 35 anos).

“Olha, ela fala muito no pai, na avó, assim... “Ai, meu papai, minha vovó”. Agora ela ta brincando muito de mamãe e filhinha, papai e filhinha. Mas ela não me conta muito não. Eu acho que ela meio que já sacou essa divisão então ela não me conta muito. Eu até pergunto. Mas ela não me conta o que eles fazem. De vez em quando. “Ah, fomos a Petrópolis. É e eu andei de bode.” E pronto, acabou, morreu o assunto.” (Inês, 30 anos).

6.8. Idealização da família

Esta questão, de certa forma, encontra-se estreitamente relacionada com crenças e valores mais tradicionais. As entrevistadas relataram que antes da separação ou da crise conjugal, possuíam concepções acerca do casamento e da forma ideal de criar os filhos.

“Ah, eu acho gostoso a questão da família, de viver, de amor, de passear, de ter o acolhimento de um pai e de uma mãe juntos. De ter uma família pra conversar, pra brincar, pra viajar, pra curtir. Mas é que eu acho que na verdade o pai não tem o papel que eu gostaria do homem pra mim nesta família. Esse pai deles. Pode ser que eu ainda encontre um homem que faça esse papel. Enquanto eu não encontrar eu penso em mim. Entendeu? Em fazer da minha forma, a minha vida, e focar no meu trabalho.” (Dora, 37 anos).

“Eu acho que, de fato, a criança fica mais feliz, né? Não tem como dizer que não. Está meu pai e minha mãe! Mas por outro lado também você acostuma. Tem

mais uma pessoa pra paparicar, mais uma pessoa pra levar pra passear, e tem mais dois avós. Né? Que também podem dar carinho.” (Helena, 30 anos).

As participantes declararam que, sobretudo, na época na separação o ideal de família gerou preocupação com relação a criação dos filhos sozinhas ou mesmo culpa por não poder criar os filhos dentro de um modelo familiar intacto ou com a presença constante do pai.

“Eu não tive a intenção de ter uma produção independente, em momento nenhum. Eu achei que ia ser legal, que a gente ia formar uma família, e que ia ser fruto de um relacionamento legal. Só que não coube esse termo, então... Mas tem essa coisa da onipotência, da gente achar que a gente causou isso, que acabou ocasionando isso por sua conta, por sua culpa.” (Bárbara, 44 anos).

“No início, eu sofria até por essa questão de achar, “ah, meu filho vai ficar sem pai, não vai ter uma família tradicional, e tudo mais”, que é a minha cabeça, que é mais tradicional. Então você ainda tem aquele sonho de achar: “ah, coitado, ele vai ser a mais infeliz das crianças...como é que eu vou deixá-lo assim sozinho sem pai...” Tudo parece que vai ser impossível, né? Você fica com pena do seu filho porque ele vai perder tanta coisa porque está sem pai. Aquele sonho que você tem de ter a família: pai, mãe e filho, e achar que o filho vai sofrer muito por isso. Então, foi mais sofredor pra mim neste sentido, de pensar isso. Mas depois que as coisas vão acontecendo, você vê que não é bem assim. Então eu acho o seguinte: claro, seria o ideal o casal estar com o filho. Com certeza, pro filho também seria melhor. Ter o pai, ter a mãe. Agora, nem sempre isso é possível.” (Gabriela, 42 anos).

As entrevistas revelaram que, muitas vezes, na tentativa de preservar a imagem do casal parental unido em situações como eventos sociais da criança, mesmo após a consolidação da separação. Percebemos, nos relatos, um esforço em manter, preservar, de alguma forma, a estrutura do casal parental original, mesmo após a vinculação dos pais a novos parceiros e a construção de novos círculos familiares.

“O que acontece é assim, nas coisas do A. a gente vai com o pai dele. Todas as reuniões mais sérias do colégio eu vou com o pai dele. A. vai ter uma apresentação de judô nesse final de semana, o pai vai. As missas do colégio a

gente costuma ir, o pai vai. E nessas horas o R. (companheiro) sai da jogada, e acha que não tem que participar.” (Ana, 37 anos).

Os novos companheiros, inclusive são dificilmente incluídos ou considerados nas atividades sociais da criança. Somente quando estritamente necessário, porque a sensação, a princípio é de constrangimento.

“Com relação ao A. (criança). À participação nas situações importantes da vida dele, eles (os parceiros dos pais) até vão, no aniversário do A., por exemplo, todos vão, porque também o A. vai se sentir desprestigiado se não forem. Mas só, também. Porque não vão em nenhuma apresentaçõzinha da escola. O A. até convida. Eles não querem. Eu nem sei se deveriam. Na verdade, eu até respeito porque eu não sei se é uma impressão minha, mas, eles evitam criar uma situação de nós quatro. ... A convivência existe quando eu estou, e a minha família esta com a família dele, e ele está com a minha família. Mas os respectivos não participam tanto. Então, tirando o aniversário do A., eles evitam. Se sentem meio mal e tal...” (Ana, 37 anos).

6.9. Vida social e relacionamento afetivo: preservação da criança

Dentre todas as entrevistadas, a maioria, seis participantes, relatam ter vivenciado um “período de luto” ou demorado um certo tempo após a separação para reviver suas vidas sociais e afetivo-sexuais.

“Eu não sei fazendo milhões de programas, eu não fiz isso. Muito pelo contrário. Eu ficava mais em casa. Eu não tava nem um pouco afim. Eu me dei um período de luto, sabe?... Foi difícil sim, demorou. Eu me dei um tempo... E aí calhou. A primeira pessoa com quem eu saí de verdade foi o R. (namorado).” (Ana, 37 anos).

Sobretudo, quando os filhos estão pequenos e requerem mais cuidados denota-se uma exigência maior de tempo e energia das mães. Fundamentadas nesta justificativa, sete participantes da pesquisa declararam não sobrar muita disposição para investir na vida social e afetiva.

“Eu acho que no início com a criança bem pequena, ficava mais difícil ficar pensando em relacionamento; até porque você esta saindo de um, e com uma criança pequena, né? Então, inicialmente eu não pensava muito em me relacionar

com ninguém. Daí juntava as duas coisas. Fim de um relacionamento, e você com um filho pequeno.” (Gabriela, 42 anos).

“Olha, eu tenho e tinha vida social. Mas, ele bebezinho, eu amamentando, era quase zero, né? Não dava. Não dá tempo, tem que amamentar e tudo. Mas depois, ele foi ficando um pouquinho mais independente, mais equilibradinho...” (Helena, 30 anos).

Este achado corrobora com os trabalhos de Wagner e Grzybowski (2003) que afirmam que a vida social e afetiva da mulher separada irá se tornar mais ativa no momento em que a criança se torna maior, e conseqüentemente mais independente.

“No início é bem mais difícil, até porque eu me separei com ele muito pequenininho. Então era realmente mais difícil estar deixando um bebezinho muito pequenininho... Mas agora com seis anos, já é um pouco mais fácil, você deixar na casa da mãe, ou às vezes, até um amiguinho convida para ir passar a tarde...já tem mais flexibilidade. Você fica mais tranqüilo de deixar com alguém, uma criança que já está grandinha, que já vai no banheiro sozinha, que já fala, já se defende.” (Gabriela, 42 anos).

Além disso, oito entre as nove mães entrevistadas revelaram manter um relacionamento muito próximo aos seus filhos, ocorrendo a reconstituição da vida social e do círculo de amizades em torno do(s) filho(s). O fortalecimento do vínculo mãe-criança e o foco na maternidade, na família monoparental feminina, são citados por diversos autores na literatura (Grzybowski, 2002; Wagner & Grzybowski, 2003), inclusive como fonte de realização e satisfação pessoal. As nossas entrevistadas demonstram valorizar e priorizar os momentos prazerosos ao lado de seus filhos. Não só a qualidade do momento passado ao lado das crianças é privilegiada, como também a quantidade e freqüência do tempo que elas permanecem com a criança.

“Eu sou uma pessoa caseira, eu não saio todo o dia. Eu saio durante a semana quando eu tenho alguma coisa pra fazer, geralmente, um dia na semana, e saio nos finais de semana que eu to sozinha. Então, enquanto eu to com eles (filhos), eu to com eles. O final de semana deles eu me dedico a eles, aos programas deles. Talvez, às vezes, eu possa sair à noite, se tiver alguém pra ficar,

mas se não tiver também eu fico com eles. Eu não tenho essa necessidade de sair.” (Dora, 37 anos).

Em uma das entrevistas, inclusive, a mãe declarou não possuir uma vivência de lazer ou divertimento separada da criança.

“Eu nunca fui muito de fazer programa, de sair muito. Eu sempre tive um círculo pequeno de amigos. E, geralmente, esses amigos calham de ter filhos também. Da escola, mães da escola, eu faço amizade, eu me distraio, conversando. Então pra mim isso, fazer programa que criança gosta... É lógico que eu tenho que gostar. Mas sempre tive sorte de me afinar com, com os pais dos amiguinhos dela. Então isso pra mim é o social. Pra mim... nunca... sinto falta... É muito prazeroso pra mim sair com ela. Porque eu acho que a B. (criança) é madura pra idade dela. Então, eu curto sair pra almoçar com ela, ir ao cinema, encontrar com amigos. Tem muita mãe separada, na mesma situação que eu. Então, é como um grupo, a gente troca muito. Então eu nunca me senti isolada totalmente com a B.. Então, eu acho que eu tive sorte na parte social.” (Bárbara, 44 anos).

O resgate e a construção de uma vida social própria dependerá também da disponibilidade de tempo existente. Este tempo, por sua vez, está sujeito à presença de uma rede de apoio ao redor desta mulher. Pois, como mãe de filhos ainda pequenos, ela só poderá realizar atividades de trabalho, estudo, lazer e dispor de tempo livre quando alguém estiver tomando conta da criança. Este tempo livre pode ser utilizado para diversas atividades independentes do(a) filho(a). Algumas mães relatam a importância desses momentos para o seu próprio bem-estar e relacionamento com o(a) filho(a).

“Agora (após contratar uma empregada para ficar com a criança) pude voltar pra uma ginástica. Ter um tempo pra mim. Pra fazer um cabelo, ver uma vitrine. Porque eu vivia correndo. Agora, posso tomar um café. Faz toda a diferença. Porque tem uma coisa também, às vezes, quando eu fico muito aflita, eu começo a ficar nervosa e acabo descontando em cima dela... né?” (Bárbara, 44 anos).

“Se eu quiser tomar um banho demorado, ou ver um filme, eu fico à vontade, não necessariamente saio de casa. Eu fico em casa, curto a minha casa, arrumo minhas agendas, as gavetas, sabe, tenho o meu tempo.” (Carla, 35 anos).

As famílias separadas, nas quais os pais são presentes e participantes, alternam os finais de semana de visitas da criança. Geralmente, as mulheres reservam os finais de semana que o filho(a) está com o pai para exercer suas atividades pessoais.

“Nos finais de semana que ela fica com o pai, eu saio. Nos finais de semana que eu tô com ela, eu fico com ela. Minha mãe e meu pai não ficam com ela... quando eu tô em casa. Quando eu tô em casa. Eu não vou fazer a unha, sem ela. Eu levo pra tudo quanto é lugar, eu organizo minha vida de modo que, eu faço o que tenho que fazer quando não estou com ela.” (Carla, 35 anos).

Já, aquelas que não têm a disponibilidade do pai para ficar com a criança, recorrem às babás, empregadas domésticas, avós maternas ou outras fontes de relacionamento para conseguir o tempo individual livre.

“Meus pais sempre me apoiaram. Isso foi sempre muito tranquilo. Meu pai sempre falou pra mim: “Não, porque você ficando tranquila... Porque se você ficar em casa, presa, confinada, você vai ficar estressada. Então, eu prefiro que você saia, a gente vai te ajudar. Porque você fica tranquila, você vai cuidar melhor do seu filho.” (Helena, 30 anos).

“...porque quando eu combinei com a I. (empregada), eu falei “Quero até sábado de manhã”. Ela falou: “Porque?” “Porque segunda a sexta, você fica aqui com ele. Mas eu também tenho que ter uma noite pra dar uma saída, com os amigos, tomar um chopp.” Então falei: “Se eu não for sair, você pode ir embora na sexta-feira. Mas a minha preferência é até sábado de manhã.” (Inês, 30 anos).

Algumas vezes, no entanto, sobretudo logo após a separação, as mulheres sentem dificuldade em se organizar no sentido de buscar esse “tempo livre”, pois dizem não “saber” o que fazer e como se divertir sem a presença do(a) filho(a). Expressam, dessa maneira, um certo sentimento de culpa relativo a sentir-se bem, ter prazer e se divertir sozinhas.

“Porque eu acho que a mulher quando se separa, ela fica culpada. “E agora, eu estou sozinha, o que eu faço? A minha filha está com o pai, e eu?” Se

culpa por causa disso. “Ah, eu não posso me divertir porque eu não estou com a minha filha.” Eu já passei dessa fase. Claro que eu tive essa fase. Mas, agora, já passou.” (Carla, 35 anos).

Mesmo com a presença de inúmeros relatos demonstrando a expansão do horizonte de vida da maior parte das mulheres entrevistadas, sobretudo no setor profissional, percebemos claramente também o quanto os filhos desempenham papel central nas suas vivências. Mesmo quando o assunto tratado refere-se ao setor afetivo, os filhos encontram-se fortemente presentes. Uma das mães frizou que seu foco estava no trabalho e não no relacionamento afetivo. No entanto, posteriormente, no desenrolar do discurso, relacionou o setor profissional ao parental.

“Eu realmente vi que eu to viva, que eu continuo capaz de amar as pessoas. Encontrei algumas pessoas legais nesses dois anos que eu estou separada. Mas como eu te falei, não é o meu foco hoje procurar um relacionamento. Então eu não estou querendo me envolver com ninguém nesse momento. E isso é diferente. Essa postura, né? A não ser que chegue e seja muuuuito especial pra entrar na minha vida. Porque senão, não vai entrar agora. Entendeu? Eu posso sair, posso resolver minhas questões sexuais... mas namorar, ficar junto, e ter alguém do meu lado nesse momento... não é a minha procura. É sim, viver bem com os meninos, poder dar uma vida que eu quero pra eles, focar no meu trabalho pra, pra suprir tudo que eles precisam. Este está sendo o meu foco hoje. E encontrar amigos. Rir, sair, passear, viajar, é o que eu gosto.” (Dora, 37 anos).

Somente quatro entrevistadas mantinham relacionamentos estáveis no momento da entrevista. O restante das mulheres entrevistadas mantinham suas vidas afetivas adormecidas ou instáveis. Observamos que este quadro se assemelha aos dados colhidos nos estudos de Wagner e Grzybowski (2003), que encontraram nos relatos de mulheres separadas que suas vidas afetivo-sexuais não eram muito ricas. Duas de nossas entrevistadas não colocam a presença de um companheiro como importante ou mesmo como compatível com sua rotina ou com seu planejamento de vida. Em alguns casos, esta opção encontra-se atrelada à posição primordial que o setor profissional ou a dedicação ao filho(a) ocupam na vida da mulher, ou trata-se de uma postura de “acostumar-se” a estar só. Vida

afetiva ocupa o último lugar no *rank* de prioridades. Duas mães de meninas declaram também não querer um “homem” morando na casa junto com a filha.

“Porque eu acho que eu já me acostumei a ficar sozinha também. Então, eu acho que eu não me acostumo mais com alguém na minha casa. Eu gostaria assim, de ter um namorado, cada um na sua ... E na minha casa especificamente, eu acho que eu não tenho mais... Agora ela (criança) já está com 7 pra oito. Eu acho mais complicado ainda, um homem que não é o pai dela, na minha casa. Eu não gostaria. Isso tem um lado meu também que fica meio prejudicado. Porque não dá, muita coisa pra eu ver, né? É estudo, trabalho, é casa, é filho. Porque esse lado fica muito adormecido. E faz falta sim.” (Bárbara, 44 anos).

“Olha, pra ser sincera eu já até desacostumei. Eu nem sei se eu quero, de novo, ter uma pessoa na minha casa.” (Carla, 35 anos).

Três mães, por outro lado, investiam na vida afetivo-sexual. No entanto, não eram bem sucedidas. Em geral, todas entrevistadas, quando questionadas a respeito do tema, alegavam que com relação à seleção de um novo companheiro, elas se tornaram particularmente exigentes e seletivas após a separação.

“De namoro assim não. Teve umas paqueras, transei com alguns caras, tive alguns namoricos, mas nenhum que conhecesse a minha filha, que eu nunca coloquei ninguém dentro de casa. Pra morar muito menos, entendeu, porque aí a gente fica muito exigente. Né? Eu não quero sustentar homem, nem dividir nada. Eu quero um homem pronto. Mas eu reconheço que eu sou muito exigente... Então os mais novos eu não quero. O mais velho, ou tá casado, ou tá se separando... também não quer compromisso. Então, tá difícil... arrumar...Muitos se oferecem... mas...” (Carla, 35 anos).

“Namorado, né? (risos) É, eu me relaciono, conheço pessoas, mas nada, progride. Tanto que eu criei aquela comunidade, né? (risos) Nada. Que quando você acha que tá...hum vou namorar. O cara de repente desaparece, ou então já não te liga com tanta frequência, né? Aí acaba ficando um pouco, né?” (Flora, 33 anos).

“A vida afetiva não existe! (risos) Não, eu até tentei, assim, a vida afetiva eu até tentei ter uns relacionamentos e tal, mas é muito complicado ainda. Não por causa dela. É por que realmente é muito difícil você arrumar alguém que

encare... Eu sei que no momento eu sou uma verdadeira furada. Uma mulher que tem uma filha, que mora com a mãe. Um cara liga pra mim e fala: “Vamos tomar um chopp agora?” “Não, eu não posso tomar um chopp agora, tá entendendo? Eu não sou uma namorada disponível... Fora que depois que você tem uma criança, sozinha e tudo o mais... você fica mais seletiva mesmo... Não é qualquer bagulho que pode chegar perto, né? Então, tem todo esse conjunto. A vida social existe, eu vou nos shows que eu gosto, encontro os meus amigos, agora realmente a parte afetiva... (risos).” (Inês, 30 anos).

Tanto a escolha do parceiro como a convivência com este encontram-se submetidas aos privilégios que as mães conferem aos seus filhos e às rotinas da família monoparental. De modo geral, a tendência era a de preservar, poupar, proteger a criança das possíveis más influências e, antes de tudo, da experiência de relacionamentos instáveis. Portanto, a grande maioria das mães demonstraram-se extremamente cautelosas no momento de decidir apresentar ou não seu filho(a) a um possível pretendente. Este contato inicial com um namorado aparece sempre sendo realizado com muito critério e, paulatinamente, para evitar que a criança sofra qualquer transtorno ou trauma. A escolha do parceiro, portanto, implica nesta pré-condição: alguém que se adapte bem às exigências e aos hábitos daquela família, que tem a criança como elemento central.

“Ele (companheiro) faz parte, de alguma maneira, dessa rotina minha com o A. hoje em dia. No início não fazia nem um pouco, eu segurei o máximo que eu pude. Achei que não era legal pro A., que podia ser uma pessoa que não fosse durar, e tal. Mas depois ficou bem estável. Hoje é praticamente um casamento. Hoje em dia, ele entrou nessa rotina...” (Ana, 37 anos).

“Eu procuro não incluí-la nessas situações. As coisas que não são tão fixas eu procuro não trazer aqui pra dentro de casa. Essa pessoa que eu to namorando há três meses ela ta tendo já algum contato porque é uma coisa que já ta mais consistente, mais concreta. Mas eu procuro não ficar trazendo aqui pra dentro de casa, pra não fazer uma confusão na cabeça da criança.” (Esther, 34 anos).

Nas famílias de origem mais tradicional, além da preservação da criança, os relatos demonstram uma grande preocupação em preservar a imagem do casal parental original. Essas mulheres declaram ter como objetivo primordial, na seleção de um parceiro, suprir suas necessidades de ordem afetivo-sexuais. Diante

do caráter emancipatório e independente de grande parte das atitudes por elas assumidas, raramente observamos o relato da vontade de resgatar num companheiro a figura de um “provedor” ou de um “substituto de pai” para seus filhos. Mas, sim, a busca por um novo companheiro que pudesse satisfazer e realizar suas carências no setor amoroso e pessoal.

“Por mais que o R. (companheiro) seja uma figura masculina importante pro A., que é inevitável. Na minha escolha por alguém, eu levei isso em conta. Eu não ia querer alguém que não fosse uma boa referência pro A.. O R. faz questão de não exercer nenhuma dessas funções de pai. Ele tenta não invadir muito. Ele fica bem na dele. Que é a impressão que eu tenho que a madrasta do A. também faz. Ela também não invade não. Ela é bem na dela.” (Ana, 37 anos).

“Tanto que ela nunca viu nenhum namorado. Porque a gente não tem nem a firmeza do relacionamento, eu já vou colocar a criança no meio? Aí a criança cria uma expectativa... Ou então uma negação, ela não quer que substituam o pai dela. E na realidade, eu não sei nem, se eu também quero. Então, eu prefiro não envolvê-la nessas coisas...” (Carla, 35 anos).

Com uma relação mãe/filho(a) tão próxima e intensa, a possibilidade de conflitos com relação a ciúmes e sentimento de posse são mais frequentes. Então, não são raros os relatos nos quais as mães observam este tipo de reação um tanto exacerbada nas crianças.

“Ele sempre faz muita questão de ser incluído na nossa relação. Então ele se sente muito mal quando eu e o R. vamos fazer alguma coisa que ele não faz. E a gente por isso mesmo evita. Então a gente sai sozinhos quando ele não está e quando ele está a gente sai com ele. Então ele se sente parte. Ele faz questão de se sentir parte.” (Ana, 37 anos).

“Eles aceitam bem. A única questão é que o mais velho fica muito apreensivo com relação a uma terceira pessoa na vida de qualquer um. Ele tá sempre querendo saber com quem eu vou, onde eu vou, se eu vou namorar, se eu vou ter um namorado, que ele não quer que eu tenha namorado. E, enfim... Como eu não tenho ainda ninguém assumido e nem o pai, é... eu acho que pra eles tá mais fácil. A hora que isso acontecer eu sei que vai ficar um pouco mais complicado pra eles.” (Dora, 37 anos).

No entanto, três mães revelam a importância que o companheiro pode ter como figura masculina de referência para seus filhos. Não propriamente como um substituto do pai, sobretudo quando o pai se faz presente, mas como uma figura de referência masculina com a qual a criança convive.

“... Ela tentou chamar ele de pai. Mas ele não é daqui. Ele é do nordeste, ele passou um tempo lá em casa, e ela começou a querer transferir a figura. E deu até alguns presentes do Dia dos Pais pra ele. E ele gostava muito dela, ele curtia muito. E até dava umas intervenções. Era, assim, uma figura masculina.” (Bárbara, 44 anos).

“O H. (criança) adorou eu ter namorado. Ele adora. Na idade dele ele começa a ver todos os amiguinhos com pai e mãe, sempre saindo. E a mãe dele sozinha... Tanto que ele às vezes perguntava: “Ah, você não tem namorado? Porque você não tem?” Então quando eu comecei a namorar o A., ele adorou. O H. adorou. Nunca teve ciúmes dele. E gosta muito dele, vai lá pra casa, gosta muito de criança. Então ele tem assim, essa relação com homem... apesar de não ser o pai. Sabe que não é o pai, ele não chama ninguém de pai. De pai, só o pai dele mesmo. E ele curte, ele gosta. Principalmente quando eu tô, com o meu namorado, ele adora, dá a mão pra ele, sai de mão dada com ele, ao invés de dar a mão pra mim. É aquela coisa, eu quero ir no banheiro de homem com ele... (risos). Aproveita, né?” (Gabriela, 42 anos).

“Porque não deixa de ser uma referência masculina. Eu dou liberdade até, uma certa liberdade. Assim, eu falo: “Só não bate no meu filho. Porque isso eu não admito. Porque eu nunca bati, meus pais nunca bateram.” E eu tento passar o menos de responsabilidade pra ele (namorado) possível.” (Helena, 30 anos).

Mas, de forma geral, a figura do pai biológico é preservada diante do padrasto, namorado ou companheiro da mãe. Esta preservação é feita pela própria mãe pela criança.

“Teve uma vez na praia que ele (namorado da mãe) fez alguma interferência, e ela virou pra ele e falou assim: “Você não é meu pai.” Ela respondeu pra ele assim... (risos) E eu fiquei passada. E chamei a atenção dela e tudo. Eu até achei interessante. Ela agiu quase que com uma revolta, sabe?”

Porque o pai dela não tava ali. Em momento nenhum tava ali, pra fazer o que ele fazia... Fazer coisas de pai....” (Bárbara, 44 anos).

“Ele era menorzinho, ele não entendia tanto. Mas foi muito ruim quando eu me separei (do namorado). Porque ele tava aprendendo a falar. Aí eu ainda tinha que explicar pra ele, porque ele começou a chamá-lo de pai. Eu tive que explicar que ele não era pai. Ele não podia ver um carro da mesma cor, porque ficava “Olha o carro do papai!”. Aí eu tinha que falar: “Não, não é papai, é seu amigo e tudo, mas não é papai.” Aí mostrava foto...” (Helena, 30 anos).

6.10. Rede de apoio

A situação de separação ou divórcio produz modificações no padrão do ciclo de vida familiar provocando uma série de transformações na família (Duvall, 1988). Como a família é um sistema, todos os seus membros são afetados (Féres-Carneiro, 1998; Kier, C.; Lewis, C. & Hay, D., 2000; Peck & Manocherian, 2001). Após a ruptura do relacionamento conjugal, a relação dessas mulheres entrevistadas com seus ex-companheiros nem sempre se tornou tranqüila, ou mesmo possível. Sete participantes disseram que o contato com o ex-cônjuge é praticamente inexistente.

“Eu não tenho contato nenhum com ele. Até pra preservar ela, me preservar. Então eu preferi não ter esse contato. Ou então por email quanto tem algum assunto que tem que ser falado direto, né?” (Esther, 34 anos).

“O nosso relacionamento. Quando tava tudo direitinho, pegando num final de semana sim, outro não, tava tudo tranqüilo, nosso convívio era bem amigável, né? Mas de uns tempos pra cá, nosso convívio está muito ruim. Ele pega no portão, pra fora. Antigamente até entrava na minha casa quando o G.(criança) tava mais enjoadinho. “Mas agora... não pisa não, sabe?” (Helena, 30 anos).

“Ah, o nosso relacionamento é o seguinte: a gente não se fala, a gente não se vê. A gente não existe. Entendeu? Quando é assim, é perfeito... A gente não briga... A gente não toma conhecimento da existência do outro. E quando se fala, a gente briga, então, é complicado. Em relação a O. (criança) eu não consigo nem começar a falar. Porque antes de eu falar, o homem já tá berrando comigo, entendeu?” (Inês, 30 anos).

O relacionamento das mães com os pais, após a separação, se torna muito difícil, sobretudo, porque os pais não correspondem à imagem paterna idealizada pelas mães. A dificuldade de comunicação se mostra como o conflito mais freqüentemente citado.

“É assim igual motorista de ônibus, a gente só fala o indispensável. Não tem aquela relação de pais que querem zelar pela criação do filho. Então, porque ele não é um paião né? Entende? Então, não adianta. Eu já tentei algumas vezes, e me machuquei. Então, agora, eu não tento mais.” (Carla, 35 anos).

As tensões, as antipatias e as resistências de ambas as partes tendem a se acentuar, principalmente, quando os aspectos e negociações legais relacionados ao divórcio estão em tramites.

“Eu acho que com a separação o relacionamento piorou. Porque aí entram as questões também de quanto vai dar, quanto não vai dar, quem vai ficar na casa, quem vai sair, então, puramente por essas questões piorou bastante né? Ficou até impraticável. Então a gente tá deixando o judiciário resolver, quem vai ficar com o que. Eu acho que depois que as coisas estiverem bem definidas, de repente pode até voltar a melhorar, né?” (Esther, 34 anos).

Diversos autores (Jennings, Stagg & Connors, 1991; Dessen & Braz, 2000; Peck & Manocherian, 2001) ressaltam a importância da rede social de apoio alicerçando a família monoparental, sobretudo, nos momentos que seguem a separação. De modo geral, a maior parte das mães entrevistadas (oito mães) corroborando com a literatura, contam com o apoio primordial da suas próprias famílias, sobretudo mães (avós maternas), ou de auxiliares domésticas na criação e cuidados com seu(s) filho(s). As empregadas domésticas são figuras importantes que surgem continuamente em diversas entrevistas.

“Tem a pessoa que toma conta da criança e a minha mãe também fica bastante tempo aqui comigo. Ela tem o apartamento dela, mas ela deixa fechado, e praticamente mora aqui comigo. Desde quando ela nasceu. Ela (avó materna) participa, dos cuidados, da criança.” (Esther, 34 anos).

“A I. (empregada) sempre olhando mais ele (criança) do que eu no dia a dia né? Ela olha os deveres dele também, quando ele chega em casa, e eu olho em

cima dela, acabo olhando depois. E... assim... eu tenho total confiança nela, ela é uma pessoa super boa. Ela educa o P. também, eu falo.” (Flora, 33 anos).

“Eu tenho uma empregada de segunda à sexta, e sábado e domingo, quase sempre. Até pela minha profissão também. Às vezes eu tenho que sair à noite. E não poderia deixar ele sozinho. Então começa por aí, você tem que ter uma estrutura. Apesar de que minha mãe também me ajuda bastante, quando acontece alguma coisa e a empregada não pode ir, tá doente e não apareceu na segunda-feira, ela mora até próximo de mim, ela me ajuda “ (Gabriela, 42 anos).

O auxílio da família materna não se resume aos cuidados com os netos, mas também ao apoio social, psicológico e emocional à mulher após o divórcio e/ou separação. Inclusive, muitas vezes, os avós maternos estão presentes apoiando a mãe antes mesmo de ocorrer a separação.

“Eles (avós maternos) já eram muito próximos a mim antes, mas ficaram mais próximos ainda. E num primeiro momento, o A. (criança) se aproximou muito do meu pai. Até porque ele é homem. Então, quando estávamos só nós, os meus pais passaram a participar mais da minha vida, do que participavam antes. E o A. ficou muito ligado ao meu pai.” (Ana, 37 anos).

“Acho que se não fosse minha mãe e meu pai, ia ser impossível. Não sei como, eu vejo outras mulheres que criam sozinhas, realmente, eu não sei como conseguem. Porque não dá pra você fazer, quase impossível, tudo ao mesmo tempo. Eu moro no Leblon, e ela (avó materna) em Ipanema, dá pra ir a pé.” (Bárbara, 44 anos).

Sete mães relataram que residiam muito próximas aos seus pais. Dentre essas sete, três já haviam residido com os pais, quando os filhos ainda eram menores, e uma ainda reside na casa de sua avó materna (bisavó de seus filhos). Outra entrevistada mora com a mãe.

“Porque a gente sempre morou perto. Eu moro na rua do lado da minha mãe. Ele (avô materno), sempre teve presente. Ele e a minha mãe. Ela (criança) sempre ficou muito com eles. Não alterou muito, essa rotina não.” (Carla, 35 anos).

“Olha, eu acho que a ajuda da minha família, minha mãe, principalmente, e também meus irmãos, sempre me ajudaram, apoiaram, aquele apoio da família,

um apoio muito grande, até nesse sentido de ficar com filho pequeno, de cuidar e tudo mais. Isso é uma das ajudas principais. Pra eu não me sentir sozinha, abandonada. Ter quem te ajude, isso é super importante.” (Gabriela, 42 anos).

“Aí, eu voltei a morar com meus pais, o G. (criança) nasceu e eu fiquei com meus pais durante bastante tempo, até G. ter uns três anos. Então eles participaram muito. Até hoje, também, a gente mora perto. A minha mãe e meu pai me ajudam muito. Ficam com ele, pegam na escola. Às vezes, eu tenho que sair muito cedo, eles vão na minha casa, pegam ele. Ah, meus pais também ajudam na parte financeira. Passei uma fase péssima sem trabalhar, porque estava estudando pra concurso. Meus pais me ajudam assim, na parte da logística do negócio, digamos assim, e na parte financeira também. Ah, meus pais são muito dez, assim, eles me apóiam muito.” (Helena, 30 anos).

A importância da família materna, sobretudo da avó materna, como rede de apoio revelou-se nos relatos de todas as participantes. Este aspecto fica, inclusive, muito bem ilustrado quando a única entrevistada que não possuía a mãe viva declara:

“E eu acho que um complicador aí é o fato de eu não ter mãe. Porque quando a gente tem uma mãe, eu acho que tudo fica um pouco mais fácil. “Mãe, vem aqui pra casa, porque o P. (criança) não quer ir à praia.” Aí, ela viria. Ah, meu sonho de consumo, uma mãe. Ou então, “Mãe, vou praí deixar o P. aí.” Não tenho isso...Então isso é um complicado...” (Flora, 33 anos).

Além da família, os amigos também compõem uma rede de apoio. As mães muitas vezes resgatam as amigas que existiam antes do casamento, e que por motivos de falta de afinidade com o marido, se afastaram, ou construíram novos círculos de amizade. Dificilmente os amigos com os quais o casal costumava lidar são mantidos por muito tempo (Peck & Manocherian, 2001). Além disso, o novo grupo de amigos, quando é o caso de se formar, geralmente será formado por outras mulheres descasadas ou solteiras com filhos. Algumas relatam a dificuldade em manter amizade com casais, ou mulheres casadas. Elas explicam que existe um distanciamento dessas mulheres por questão de incompatibilidade de interesse, ou mesmo de uma possível ameaça que a mulher descasada possa oferecer para a estabilidade dos casais.

“Mudou meu círculo de amizades. Mudou na escola. Porque aí eu passei a me relacionar mais com mulheres que também tinham se separado. Porque a gente ficar se relacionando muito com um casal complica. A mulher, às vezes não gosta muito, porque é uma influência, sei lá, pro marido dela ... ela achar que tem alguém disponível, que o marido pode se interessar. Não sei. Isso passa na minha cabeça. E, também, a vivência que ela tem ali do casamento, é diferente da minha. Eu não posso trocar experiência com ela, porque ela vive outra coisa. A gente tem uma relação cordial, mas afinidade mesmo eu tenho com as que passam a mesma coisa que eu. Então eu tenho quatro amigas, muito ligadas que somos todas viúvas... de maridos vivos e de maridos mortos. Duas viúvas mesmo, e duas separadas. Então a gente fala, viúva de marido vivo e viúva de marido morto. Porque, assim, a gente tem as experiências pra trocar. Eu convivo com amigas que são casadas, mas a gente não pode entrar naquele meio e dizer “Ah, eu to paquerando alguém ali ou não sei o que...”, porque, porque ela não entende. Ela tá envolvida no casamento, ela não entende. Não aceita, são idéias muito diferentes.” (Carla, 35 anos).

“Eu reencontrei várias amigos que eu não via há muitos anos, estou reencontrando amigas separadas, com filhos, buscando amigos... enfim... As amigas que estão casadas não dá pra ficar sempre, né? Eu acabei conhecendo pessoas novas, também.” (Dora, 37 anos).

Algumas mães, sobretudo de meninos, relatam o objetivo de buscar a socialização e o convívio do filho com figuras masculinas, seja com o avô, com um tio, com o companheiro ou com amigo.

Porque eu sentia falta pro A. (criança) de alguns homens. Por ele ser homem... Na medida em que ele foi crescendo ele foi ficando mais evidente. Mas desde pequenininho eu já sentia. Tem algumas brincadeiras que ele gosta de fazer com homem... até aquela coisa de vai ao banheiro, com quem... entendeu? Eu sinto que o A. quando tem um homem na história, fica tudo mais divertido.”. (Ana, 37 anos).

As crianças, portanto, convivem com menor frequência com a família paterna, seja com os avós (avó e avô), primos, tios ou tias.

“Tem (contato) com a avó paterna muito pouco porque ela também nunca participou, nunca, se disponibilizou pra nada, nunca ajudou em nada, então... é um contato bem superficial, esporádico.” (Esther, 34 anos).

“O H. (criança) tem somente contato com a família materna. Com a paterna, não. De primeiro grau tem somente uma prima. Eu tenho uma irmã e um irmão. E a minha irmã é que tem uma filha de oito anos, dois anos mais velha que o H. Eles se dão super bem....” (Gabriela, 42 anos).

“Ah, a convivência é totalmente maior com minha família. Tanto que ele chama meu pai de pai.” (Helena, 30 anos).

Muito raramente, o relacionamento entre a mãe e a família paterna persiste. O convívio com a família paterna é cultivado pelo pai. As mães não se sentem responsáveis, e atribuem a cada um o papel de socializar a criança com seus respectivos familiares. Se a criança não tem contato com o pai, ou seja, o pai é ausente, dificilmente ela terá algum contato com a família paterna.

“É ótima (relação com família paterna). O A. (criança) tem uma ligação intensa com eles. Encontra sempre, vai na casa... Geralmente com o pai. Eu faço algumas aproximações também. Mas são poucas, assim. Eu continuo me dando muito bem. Encontrando com eles às vezes. Mas afastou. Naturalmente, afastou.” (Ana, 37 anos).

“Convive (família materna) . Tem(primos). E convive com a família dele. Tem, avós e tios paternos. ... Não. Não convivo não (família paterna). Ele é que... eu acho que ele é que tem que fazer essa ponte, né? Porque eu acho que cada um toma conta do que é seu. Então, ele toma conta... mas ela tem contato com os avós e tudo... E aí quando separa... não tem como conviver... estritamente... Porque, imagina, vou lá, meus dois sogros dentro da minha casa, aí vendo o que eu comprei, o que eu não comprei... o modo como eu crio a garota. Eu não quero.” (Carla, 35 anos).

“Não, tenho nenhum contato com a família dele.” (Esther, 34 anos).

“Também muito pouco (contato). Porque quase não ligam (avós paternos), e não moram aqui no Rio, moram em Campos. Aí também o pai nunca me pediu pra levar. E eu deixaria. Os avós, quando vem também... não sei qual a

frequência que vem... Mas também não podem pra ver não ... Ligam uma vez por ano...” (Helena, 30 anos).

“Ela é louca pela avó (paterna). Porque ela só vai também, porque ela fica na casa da mãe dele. E só vai quando a mãe dele tá aí. Tipo, se ela for viajar, ela me liga pra cancelar ou pra trocar fim de semana. Entendeu? Ou seja, quem cuida mesmo dela, é a avó. Então dela ser louca pela avó, eu já falo: “Bom, essa mulher não trata ela mal!” Já que ela adora tanto, se tratasse mal ela não ficava a semana inteira, “vovó pra cá, vovó pra lá”, querendo ligar e tal, né? Então é um descanso também.” (Inês, 30 anos).

Mais raramente se dá a manutenção do relacionamento do pai com a família materna, e das duas famílias entre si. Somente uma mãe relatou o bom convívio entre as duas famílias, mais especificamente a amizade entre as duas avós, materna e paterna que existia antes da separação e se manteve.

“Se dão bem (avós materna e paterna). Deu uma estremecida, assim. Elas eram amicíssimas. Deu assim um clima meio esquisito, mas depois voltou ao normal. Eram muito amigas e continuaram. Não teve problema não.” (Ana, 37 anos).

“É. Com os meninos. Fala, quando vai lá, pega, não tem briga. Mas, não tem contato com ninguém.” (relacionamento do pai com família materna) (Dora, 37 anos).

“Não. Só o social, quando eu tenho que ir alguma coisa dos meninos. A gente se trata bem, trata bem todo mundo.” (relacionamento da mãe com família paterna) (Dora, 37 anos).

“Tem. Por exemplo, o aniversário do R., mês passado, foi na escola. Foi a avó, mãe do pai dele, foi a minha mãe. Todo mundo. Todo mundo se fala, né... Um convívio social, pelos meninos.” (relacionamento das famílias maternas e paternas entre si) (Dora, 37 anos).

Algumas vezes as avós exercem a função de facilitadoras, possibilitando a comunicação entre os pais. Uma das mães, que não mantém nenhum contato com o pai de sua filha, relata que a sua mãe (avó materna) possui o papel de intermediar a comunicação entre os pais da criança. A outra mãe, mantém

contato com a avó paterna, já que não encontra espaço para dialogar com o pai de sua filha.

“A minha mãe às vezes que faz essa intermediação, né? Porque o contato ficou muito difícil, nessa relação. (risos) Então, é, a gente, eu preferi não manter esse contato... E ele, tem que engolir, né, porque inclusive eu pedi uma liminar na justiça pra impedir que ele saia sozinho com a criança. ... Então ele só pode sair com a babá ou com a minha mãe nos dias da folga da babá. Então ele não tem outra alternativa a não ser de ter um bom relacionamento com ela, né? (risos). ... Ela (avó materna) suporta. Não quer dizer que ela gosta, que fica feliz não, né?. (risos) Mas tudo em prol da criança, né, do bem estar da criança, né?” (Esther, 34 anos).

“Eu converso com ela (avó paterna). Até porque ela é muito mais fácil de conversar. Então, quando tem uma questão, quando tem alguma coisa, eu vou, bato um papo com ela, explico o que é que ta acontecendo.” (Inês, 30 anos).

No entanto, este como os demais relacionamentos de amizade que se mantêm parecem sofrer alguns abalos, não permanecendo jamais os mesmo que outrora. Além disso, o bom relacionamento familiar parece girar sempre em torno do interesse de todos em prezar pelo bem-estar e pela satisfação da criança envolvida.

“Agora, nas situações externas com o A. (criança), a gente vai junto a tudo. Inclusive os avós paternos vão, os meus pais vão, eles se dão bem. Convivem muito bem. Então em todas as festinhas, todos os eventos da escola, todas as reuniões de pais, ...” (Ana, 37 anos).

O relacionamento das mulheres com as famílias extensas originais também se torna complicado diante da figura dos novos companheiros e das novas famílias que se formam, das famílias recompostas.

“... pro R. (namorado) é esquisito, eles (ex-sogros) ficam toda hora convivendo comigo, na minha casa. Então, também evito quando ele está. Às vezes, eu quero chamar a avó... Aí, eu escolho quando o R. está viajando. Porque eu sei que pro R. é meio desagradável estar lá almoçando com a mãe do outro, sabe?” (Ana, 37 anos).

6.11. Vida profissional e financeira

A área profissional e financeira geralmente é fonte de estresse, e preocupação para a mulher separada ou divorciada. A manutenção do padrão de vida torna-se muito difícil com a saída do companheiro de casa. Na maioria dos casos, a responsabilidade primordial de sustentar a criança e a casa cabe à mãe. Em geral, as mulheres tendem a ter mais gastos, a ter que trabalhar mais e, portanto, a ter menos tempo e disponibilidade para estar com os filhos (Jablonski, 1998; Wagner & Grzybowski, 2003). O trabalho, mais do que uma fonte de prazer e realização pessoal, é visto na maioria das vezes como uma necessidade, uma atividade realizada com o intuito de permitir sustento e retorno material.

“Mas, do ponto de vista econômico pesa muito também, né? Porque o pai, pelo que eu tenho ouvido falar aí, ele acha que estar dando o dinheiro pra mulher. Entendeu? E o dinheiro é pra sustentar a criança. Quando eu me separei, o dinheiro diminuiu. Sempre trabalhei, porque a gente precisa se sustentar, né? Pensão nunca cobre tudo o que você gasta com a criança, e todas as despesas. Então, eu peguei um cargo de chefia. Quer dizer, eu trabalhava seis horas, e estou trabalhando nove, né? Eu tenho menos tempo para estar com ela. Em função dos gastos que eu tenho que ter.” (Carla, 35 anos).

“É por isso que eu me dedico a ela e ao trabalho. Porque, quanto à questão econômica, é você tendo que dar conta de tudo. Não tem a ajuda econômica do pai, né? A minha mãe não ajuda...” (Bárbara, 44 anos).

Também, em torno desse tema, surgem muitos conflitos, desentendimentos, desconfianças e desgastes na relação parental pós-separação. As questões judiciais referentes à pensão são citadas como mais uma das principais fontes de conflito, assim como as confusões nas questões de relacionamento com o ex-cônjuge e questões parentais. O que ocorre mais frequentemente é aquele pai que não contribui adequadamente do ponto de vista financeiro ter um vínculo mais frágil e contato esporádico com o(a) filho(a), ou mesmo se tornar ausente. Na maioria dos casos, o apoio financeiro fornecido pelos pais é muito instável ou insuficiente.

“Até um dos motivos dele ter se afastado, é isso, é por essa questão também, né? Ele não quis pagar pensão, aí aquela coisa toda de justiça, ele resolveu não pagar e nem ver o filho...” (Gabriela, 42 anos).

“A pensão dele é uma coisa ridícula. É uma coisa simbólico. Entendeu? Agora... Mas eu faço questão porque é um direito dela, entendeu?” (Inês, 30 anos).

“Ele que entrou com o oferecimento de alimentos, queria oferecer uma miséria. Aí eu falei: “Não. Vai oferecer direito.” Aí ficou essa briga... Aí começou um stress, mas só que aí depois as coisas melhoraram. Ele tentou uma reaproximação também. Até tentei um pouco... Aí foi quando ele começou a pagar o colégio. Mas aí eu sinto que ele começou a pagar o colégio mais pra se reaproximar de mim do que pelo filho propriamente dito. Aí hoje em dia, ele deposita quanto quer. Aí então eu executei ele, estou esperando a justiça. Procuro não passar pro G. Deixei na mão da advogada, a advogada resolve, né?” (Helena, 30 anos).

Os achados de nossas entrevistas corroboram a literatura (Wagner & Grzybowski, 2003). Somente uma mãe entrevistada relatou não encontrar nenhuma dificuldade ou modificação na sua estabilidade financeira após a separação, e contar plenamente com o apoio financeiro paterno.

“Problema financeiro eu não tive nenhum... Zero, de problema financeiro. Foi super tranqüilo. Foi um acordo... E antes também, a gente sempre se entendeu. A gente sempre se entendeu com relação a tudo, assim.” (Ana, 37 anos).

Outras mulheres ainda relatam a importância da profissão em suas vidas como fonte de auto-estima e de independência, assim como foco principal de seu projeto de vida.

“A coisa que eu acho que também é muito importante com certeza foi minha profissão. E ter uma profissão pra poder seguir a vida, né? E graças a Deus! Porque senão eu ia acabar ficando dependendo dos meus pais, pra me ajudar com filho. Até trabalhando, mas às vezes, ainda ia tendo que contar com a família e dependendo de outras pessoas. Então isso também, eu acho que, que te põe pra cima, né, você poder se virar sozinha.” (Gabriela, 42 anos).

“A questão econômica é difícil. Porque ele (ex-marido e pai) é uma pessoa que não tem formação superior. Ele vem fazendo trabalhos autônomos, mas não tem condição de assumir uma pensão. Então, quando ele tem, ele me dá, quando ele não tem, ele não dá. Na verdade, eu conto comigo. E to vivendo a minha vida,

pro meu trabalho... Meu foco é muito meu trabalho, até pra poder suprir financeiramente os meninos, então, meu foco é mais o trabalho do que o social.” (Dora, 37 anos).

Somente uma mãe entrevistada não trabalhava. Essa mãe estava ainda estudando, no curso de graduação, mas encarava essa atividade seriamente considerando-a profissional. A maternidade representou, para ela, o impulso de amadurecimento e tomada de decisão pessoal nessa direção.

“Ela entrou com um ano e três meses na escola. Porque eu queria, porque eu já tava fazendo faculdade. Eu voltei pra faculdade, ela tinha quatro meses. A minha mãe e a minha tia que seguram a onda. Isso foi um trato que a gente fez. Se eu fosse trabalhar, eu ia sair de casa muito cedo, voltar tarde, ganhar uma miséria. E ia gastar tudo isso pagando babá pra fazer o meu serviço. Então, “Não. Vai fazer a faculdade, vai terminar a sua faculdade, que a gente segura a onda pra você.” Então, é um trato. Eu digo que a faculdade é meu emprego. Porque quando é bem feita, requer muito tempo. Se bem que eu não ganho nada... (risos).” (Inês, 30 anos).

6.12. Medos das mães

As participantes confessaram alguns receios e aflições pela sobrecarga e responsabilidade de criar seu(s) filho(s) sozinhas. Esses medos eram muito variados: desde o sentimento de responsabilidade solitária, até o medo das conseqüências emocionais das crianças estarem crescendo sem a presença do pai. A sensação de responsabilidade solitária está relacionada à responsabilidade materna sobre o presente e o futuro da criança.

“Tenho muitos receios. Tenho muitos receios de criar filho sozinha, de não estar com o pai perto, de não ter uma base familiar. De como isso pode também vir a atingir emocionalmente os meninos.” (Dora, 37 anos).

“Aí me separei. Com a cara e a coragem, né, com medo de tá... parece que o homem é um porto seguro, né? Pra gente retornar... Por mais que eu sabia que eu tinha condições de sustentar tudo, parece que aquilo dali é uma árvore onde você tá ancorada, meio que encostada ali. E que se o homem sair, a árvore cai e

“você cai junto. Mas não, graças a Deus eu não tive problema nenhum.” (Flora, 33 anos).

“Às vezes eu fico me questionando se realmente eu gostava tanto do pai assim pra sofrer o que eu sofri... talvez fosse mesmo os medos mesmo que eu tinha... Sabe, criar sozinha, aquela responsabilidade toda praticamente em cima de você...” Medo de passar por tudo isso sozinha. E segurar essa carga, essa obrigação... essa culpa também né?” (Helena, 30 anos).

Outro receio freqüente é o da perda e da solidão no futuro. As mulheres que mantêm contato com o ex-cônjuge revelam medo do filho optar por morar com o pai quanto se tornar mais velho. Já, nos casos em que o pai é ausente as mães demonstram-se inseguras com o fato da criança ir procurar esse pai e das conseqüências imprevisíveis. Esse medo de “perder o filho” é um receio que, de certa forma, está relacionado á centralização materna. Muitas mães procuram ao máximo se defender contra essa possibilidade.

“O meu medo disso tudo, assim, a minha fantasia ruim, é de que ele queira que o A. vá morar lá um dia. Assim, isso é que eu acho complicado. E é natural eu não querer, né? Então eu fico preocupada.” (Ana, 37 anos).

“De alguma forma, ela vai elaborando, né, alguma coisa na cabecinha dela. Agora, eu acho que eu devia estar, eu tenho que estar um pouco mais aberta para poder receber o pensamento, os sentimentos dela com relação a isso. Eu ainda não estou muito aberta, porque machuca, né? E vai acontecer... isso me amedronta, preocupa. Porque ela vai correr atrás dele. Mas eu também to resolvendo questões. Tipo, entrar na justiça, pedir pensão, e resolver essa situação. Porque ela tem pai, né?” (Bárbara, 44 anos).

Outra preocupação materna muito presente e comum esta relacionada com a educação da criança e com os valores que ela terá no futuro.

“Às vezes, eu até, eu acho que eu sou muito rígida. Porque, é aquela coisa, ao mesmo tempo que eu quero que ela se prepare pro futuro, eu não quero que ela seja aquela menina mimada, que acha que o mundo tá aos seus pés... que ela tem tudo na mão... E ao mesmo tempo, se ela não me respeitar... Porque ela me respeita... Mas eu tenho que ser, às vezes muito dura, porque eu tenho que fazer valer o respeito. Senão, ela não vai me respeitar... entendeu? E se ela não me

respeitar, eu to frita. Porque só tem eu. Não tem uma figura de pai... Então, às vezes eu sou muito dura, mas também sou muito amorosa, sou muito, afetuosa.” (Bárbara, 44 anos).

“A minha maior preocupação é dar uma boa educação pra ele. Fazer ele uma pessoa do bem, de caráter, trabalhador. Preparar pra lidar com a vida, porque eu acho que é muito difícil, né? A gente vê muito ninho de cobra, assim, tanto na vida pessoal como na profissional. ... Mas ainda acredito que tenha e eu quero criar meu filho uma pessoa segura, uma pessoa de valores...” (Helena, 30 anos).

Essa mãe, especificamente, tem seu receio concentrado em tentar preservar a filha do sofrimento, pois ela (criança) não conhece o pai, que é dependente químico.

“Agora, eu também não quero muita coisa, porque eu tenho medo que ela fique magoada, que ela sofra. Mas não tem como também, a gente, né, impedir que filho sofra, né, que filho se magoe. Então, o tempo todo, é lidar com essas questões ambivalentes.” (Bárbara, 44 anos).